

DOSSIÊ
GÊNERO,
ASSISTÊNCIA E
FILANTROPIA

APRESENTAÇÃO

Ana Paula Vosne Martins

(Organizadora)

Universidade Federal do Paraná

E-mail: ana_martins@uol.com.br

Os artigos que compõem este dossiê se lançaram à tarefa de propor novas formas de problematização sobre as relações entre o gênero, a assistência e a filantropia. O traço em comum é a busca pelo protagonismo feminino a partir de práticas até bem recentemente consideradas pela história das mulheres e também pela história do serviço social como representativas do conservadorismo de classe e da subalternidade das mulheres de elites, restritas a atividades sociais mitigadoras e normatizadoras da vida das pessoas mais pobres. A atuação de boa parte das mulheres que frequentam as páginas destes artigos pode, à primeira impressão, ser tributada à origem de classe, afinal eram de famílias reconhecidas por seu nome, poderio econômico e capital cultural, como também demonstraram notável desenvoltura nas redes de sociabilidade das elites às quais pertenciam. Entretanto, a origem de classe é somente um componente, não pouco importante, da visibilidade e do protagonismo exercido por elas, que sozinho não explica suas trajetórias sociais e políticas, bem como de suas contemporâneas envolvidas com a assistência social que articulou diferentes agentes e instituições no Brasil desde meados do século XIX.

As pesquisadoras e o pesquisador que contribuem para este dossiê defendem que se faz necessário repensar, tanto do ponto de vista conceitual, quanto empírico, o que significou o envolvimento das mulheres das classes sociais mais privilegiadas com a caridade e a filantropia, naquilo que chamamos de trabalho assistencial, tanto na sua dimensão voluntária, quanto no âmbito profissional. A organização de profissões como a enfermagem, o serviço social, a nutrição e mesmo o magistério esteve em suas origens ligada à ação voluntária do trabalho assistencial de mulheres conhecidas no passado como as damas de caridade, à frente das mais diversas associações caritativo-filantropicas de assistência. Os artigos procuram mostrar que por caminhos diferentes as mulheres que se envolveram com a filantropia passaram por esta experiência de ir além de seus jardins. Mobilizadas pela religião, pelo discurso laico reformista, pelo humanismo ou mesmo pelo envolvimento político, entenderam que seu lugar no mundo poderia ser mais amplo. Para muitas delas não se tratava tão somente de conquistar mais status de classe, mas outros

espaços e almejar outras paragens para além de seus lares, como escolas, hospitais, escritórios, instituições sociais e por fim o Estado ou o poder legislativo.

Entendemos que ainda há muito a se investigar sobre o tema deste dossiê, especialmente no Brasil. Como bem apontado no artigo de Andréa Ledig de Carvalho Pereira, a pesquisa sobre o protagonismo feminino no espaço público por intermédio da assistência social e da filantropia requer mudança de foco e ajuste metodológico para alcançarmos trajetórias e práticas que em escalas locais e regionais podem descortinar estratégias, formas de organização e de visibilidade do trabalho dos cuidados, bem como revelar biografias desconhecidas e à margem da história das mulheres e do serviço social.

A leitura destes artigos mostra que para a maioria das mulheres que atendeu o chamado para trabalhar em prol dos necessitados - mesmo que mais restrita à noção moral e normativa da difusão da maternidade - sair de seus lares e iniciar um trabalho benemerente as levou para outras experiências com as quais não tinham tanta familiaridade. Criar uma associação, organizar atividades, angariar recursos, mobilizar novas associadas, enfim, as muitas atividades que envolviam este tipo de trabalho voluntário estão na origem de uma nova experiência, uma experiência de agência pública feminina.

○ objetivo deste dossiê é compreender a relação entre a filantropia e a agência feminina, indo além dos adjetivos historiográficos e feministas que por tanto tempo a definiram, como o conservadorismo, a reprodução da ordem, a adequação aos sistemas de dominação de classe e de gênero. Da mesma forma que a religião não esteve na origem da ação pública e do pensamento crítico para a maioria das mulheres, mas para algumas delas foi uma experiência importante e que as empoderou, a filantropia também não foi um caminho previsível para a autonomia ou agência feminina. É importante fazer essa ponderação porque o processo histórico de feminilização da filantropia é profundamente marcado pela ambigüidade e incompreensão.

○ artigo de Ana Paula Vosne Martins analisa este processo de feminilização da filantropia, relacionando-o à formulação da questão social conforme ela se configurou historicamente no século XIX na Europa, sublinhando a política dos sentimentos no gerenciamento social para então analisar a participação das mulheres das elites naquele contexto por meio das associações de caridade e do trabalho filantrópico. Reconhecidas como indivíduos mais dotados de sentimentos afetivos e morais, as mulheres foram chamadas a participar de um amplo movimento reformista que abarcava um complexo conjunto de ações voltadas para atender uma diversidade muito grande de problemas sociais.

Maria Martha de Luna Freire e Letícia Cosati tratam de uma parceria que historicamente está na origem de uma das principais formas de protagonismo feminino filantrópico: trata-se da parceria entre os médicos e as mulheres de elite em defesa e pela proteção às mães pobres e seus filhos. O artigo analisa a formação da associação filantrópica Damas de Assistência à Infância, que começou seu trabalho junto ao Instituto de Proteção e Assistência à Infância, o IPAI, na cidade do Rio de Janeiro, em 1899, atendendo os apelos do médico Arthur Moncorvo Filho, idealizador e dirigente do Instituto. O artigo mostra como para além das atividades que à época eram consideradas próprias às mulheres de elite como a realização de festas e atividades sociais para arrecadação de recursos a serem empregados na caridade e na filantropia, elas tiveram que desenvolver habilidades técnicas e conhecimentos específicos próprios da organização e da manutenção de uma associação, bem como ampliar e ativar suas redes de sociabilidades a fim de conseguir visibilidade e prestígio para o projeto higienista de proteção à maternidade e à infância levado a cabo pelo IPAI. Este artigo é revelador de como estiveram próximas e sem contradição a adequação das senhoras de sociedade à desenvoltura e à agência feminina nos espaços públicos da sociedade carioca da virada do século XIX para o XX.

Com o mesmo foco no associativismo filantrópico das mulheres de elite o artigo de Christiane Maria Cruz de Souza nos leva para o cenário caritativo e assistencial da Bahia num arco temporal que abrange meados do século XIX até a primeira metade do século XX. Neste artigo, encontramos várias mulheres da elite soteropolitana que se envolveram com a assistência. Inicialmente motivadas pela caridade e o atendimento às necessidades dos mais pobres, começaram a se organizar em associações como as Senhoras de Caridade e a Liga Catholica das Senhoras Baianas. Outras atenderam o apelo dos médicos, ajudando-os a conseguir os recursos para seus projetos reformadores como a criação do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, o IPAI de Salvador, da Maternidade Climério de Oliveira e da Liga Bahiana contra o Câncer. No entanto, mais do que dizer que as mulheres foram atuantes na assistência social e à saúde, o artigo apresenta trajetórias biográficas de mulheres que não só desempenharam um papel adequado às normas sociais de gênero, mas a partir dele foram protagonistas em outros cenários intelectuais, sociais e mesmo políticos, o que só reforça a necessidade de termos mais estudos de caráter biográfico das mulheres brasileiras.

Na mesma direção, mas em contexto e temporalidade diferentes, Ismael Gonçalves Alves apresenta um cenário que poderia ter saído dos romances sociais ingleses do século XIX: a região mineradora do sul do Estado de Santa

Catarina, cuja promessa de progresso com a exploração carbonífera acabou por se transformar no pesadelo da insalubridade, da extrema pobreza e das doenças infectocontagiosas que atingiam mais duramente os mais frágeis, como as crianças e os idosos. O autor analisa de que maneira duas associações de mulheres, o Clube da Lady e as Pioneiras Sociais, se envolveram na década de 1960 com a questão social na cidade de Criciúma. É interessante observar que as duas associações são de abrangência nacional, o que reforça a necessidade de mais estudos regionalizados a fim de se poder construir um quadro analítico comparativo relativo ao trabalho feminino voluntário no Brasil.

Enveredando pelo caminho das trajetórias biográficas o artigo de Andréa Ledig de Carvalho Pereira nos apresenta a assistente social Violeta Campofiorito Saldanha da Gama (1909-2011) e sua inserção filantrópica e profissional no terreno da assistência social, tendo sido diretora da Escola de Serviço Social de Niterói e alcançado reconhecimento político, intelectual e profissional. Este artigo é uma contribuição ao terreno ainda pouco explorado no Brasil das biografias de mulheres, especialmente daquelas que estiveram envolvidas com a assistência social e com a filantropia. Violeta Campofiorito e tantas outras mulheres contemporâneas que atuaram na assistência social na primeira metade do século XX abrem instigantes possibilidades de investigação para se compreender o processo de profissionalização da assistência e seus complexos enredamentos de gênero.

O artigo de Liandra Lima Carvalho também apresenta uma trajetória biográfica, a ex-deputada estadual e atual Subsecretária Estadual de Desenvolvimento da Baixada Fluminense, Claise Maria Alves. Sua trajetória política tem, a princípio, um enredo bastante convencional, como esposa de um político de grande projeção na Baixada Fluminense e como primeira-dama da cidade de Duque de Caxias. No entanto, o artigo vai revelando um processo de empoderamento e de agência que se dá pelo inconformismo e a recusa a se contentar com títulos honoríficos e com um lugar à sombra do marido político. Formada em Serviço Social e atuando em favor de políticas sociais e de gênero, as escolhas da protagonista são reveladoras do quanto o enredo convencional de gênero não é destino e nem precisa ser o ponto final no protagonismo público feminino.

Este dossiê presta uma homenagem a Suely Gomes Costa, mestra feminista e uma das desbravadoras nos estudos sobre gênero, assistência e filantropia no Brasil.